

ESPÉCIES FORRAGEIRAS - POACEAE

MOACYR BERNARDINO DIAS-FILHO¹

A atividade pecuária na Amazônia, desde seus primórdios, teve como base de sustentação as extensas áreas de pastagens nativas, em especial aquelas localizadas na Ilha de Marajó, onde primeiramente teve início a criação de gado na região. Entretanto, as dificuldades impostas pelos regimes das águas, a precária infraestrutura de transportes e a falta de conhecimento técnico em relação aos diferentes componentes do ecossistema geraram visão distorcida sobre a produção de carne e leite, o que experimentou uma redução drástica dos investimentos na atividade. O atual estágio da pecuária nessas áreas não reflete, entretanto, suas reais potencialidades, representadas pela abundância e diversidade de suas espécies de gramíneas forrageiras nativas de elevado valor forrageiro para os ruminantes (Camarão et al., 2006).

As gramíneas forrageiras da Amazônia compõem o extrato herbáceo das pastagens nativas de terras inundáveis, também denominadas de solos aluviais de várzeas. Essas gramíneas têm representado papel fundamental no desenvolvimento da criação de bovinos e bubalinos na região, por possuírem elevado potencial de produção de forragem de bom valor nutritivo (Camarão et al., 1996).

Mesmo sendo consideradas de potencial nutritivo inferior, quando comparada com leguminosas, as gramíneas são mais adaptadas aos ecossistemas inundados amazônicos, onde algumas forrageiras exóticas não sobrevivem. Costa et al. (2010) afirmam que as gramíneas nativas de solos aluviais apresentam um grande potencial produtivo e qualitativo, o que reflete na obtenção

de bons índices de desempenho zootécnico, uma vez que se observaram ganhos de peso variando de 0,376 a 0,79 kg/animal/dia. Em bubalinos das raças Mediterrâneo, Murrah, Jafarabadi e Carabao, os ganhos de peso observados foram de 0,632; 0,541; 0,454 e 0,419 kg/animal/dia, respectivamente.

Na região amazônica boa parte das áreas utilizadas para a pecuária apresentam-se periodicamente inundadas. Condições temporárias ou permanentes de alagamento ou encharcamento do solo são problemas globais que podem trazer sérios prejuízos para o desenvolvimento agropecuário. Embora, em diversas regiões, sejam eventos raros, em outras podem ser um problema enfrentado constantemente pelos produtores. Em pastagens tropicais, o encharcamento ou o alagamento temporário do solo pode ser mais comum, pois nos trópicos, muitas áreas de pastagens são geralmente localizadas em áreas marginais, não totalmente apropriadas para a agricultura. Desta forma, o uso de gramíneas forrageiras que se adaptem a situações periódicas ou permanentes de excesso de água no solo constitui-se em medida essencial para assegurar desempenho e longevidade satisfatórios dessas áreas de pastagem (Dias-Filho, 2006).

No Brasil, existem diversas gramíneas forrageiras disponíveis comercialmente, ou já bastante difundidas entre produtores e técnicos para uso em áreas de baixada, sujeitas à inundações ou alagamento temporário, porém, a maioria dessas espécies não é nativa da América Tropical e, apesar de largamente estudadas e utilizadas em outras partes do mundo, podem trazer problemas

¹ Eng. Agrônomo. Embrapa Amazônia Oriental

para os ecossistemas nativos. Desta forma é importante para a atividade agrícola regional o conhecimento e ampliação do uso das gramíneas nativas, que igualmente se destacam como forrageiras importantes de áreas sujeitas à inundação ou ao alagamento temporário. A maioria dessas espécies é encontrada naturalmente em regiões como as várzeas do Baixo Amazonas, pastagens inundáveis da Ilha de Marajó e Pantanal Mato-Grossense, entre outras. Embora alguns desses capins não sejam amplamente conhecidos no meio agrônomo, pode se constituir na base da alimentação do gado. Apesar de sua importância, existem ainda poucas pesquisas e trabalhos publicados sobre o potencial forrageiro dessas espécies, havendo, portanto, a necessidade de que mais estudos sejam desenvolvidos visando superar problemas que ainda impedem sua ampla utilização no país, em condições de alagamento ou encharcamento temporário do solo (Dias-Filho, 2006).

Entretanto, não basta apenas saber qual pastagem nativa utilizar, mas é preciso, antes de tudo, conhecer as espécies e obter informações mínimas de manejo e cultivo a fim de otimizar os ganhos e impactar o menos possível os ecossistemas. Desta forma, os portfólios que se seguem apresentam uma lista de seis espécies gramíneas forrageiras (Tabela 1) de importância econômica para a Região Norte. Cada portfólio reúne informações básicas das espécies de gramíneas forrageiras em terras inundáveis, de modo que possam representar uma visão mais real sobre as potencialidades dessas áreas para a exploração da pecuária. Obviamente que a lista de espécies gramíneas com potencial forrageiro para a Região Norte é muito maior, porém, optou-se por selecionar aquelas espécies com algum grau de uso e com informações mínimas que permitam o desenvolvimento de produtos e o seu uso comercial por parte dos agricultores em curto a médio prazo.

TABELA 1 - Espécies gramíneas forrageiras de importância econômica atual ou potencial na Região Norte e para as quais foram elaborados portfólios

Espécie	Família	Nome popular
<i>Echinochloa polystachya</i> (Kunth) Hitchc.	Poaceae	Canarana-verdadeira
<i>Hymenachne amplexicaulis</i> (Rudge) Nees	Poaceae	Capim-rabo-de-rato
<i>Leersia hexandra</i> Sw.	Poaceae	Capim-pomonga
<i>Luziola spruceana</i> Benth. ex Döll.	Poaceae	Capim-uamã
<i>Paspalum fasciculatum</i> Willd. ex Flüggé.	Poaceae	Capim-morí
<i>Paspalum repens</i> P.J.Bergius	Poaceae	Capim-perimembeca

Fonte: Dos autores

REFERÊNCIAS

- CAMARÃO, A.P.; SOUSA-FILHO, A.P.S.; MARQUES, J.R.F. **Gramíneas forrageiras nativas e introduzidas de terras inundáveis da Amazônia**. Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 2006.
- CAMARÃO, A.P.; SERRÃO, E.A.S.; MARQUES, J.R.F.; RODRIGUES-FILHO, J.A. **Avaliação de pastagens nativas de terra firme do Médio Amazonas**. Embrapa Amazônia Oriental, Belém. Boletim de Pesquisa, 169. 1996.
- COSTA, N.L.; TOWNSEND, C.R.; MORAES, A. Caracterização e manejo de pastagens nativas da Amazônia. **PUBVET**, 4(25), Art. 882, 2010.
- DIAS-FILHO, M.B. **Opções forrageiras para áreas sujeitas ao encharcamento ou alagamento temporário**. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2006. (Embrapa Amazônia Oriental. Documentos, 239).